

ANTROPOLOGIA PORTUGUESA

•
Número Especial

*Actas do II Colóquio
sobre a Investigação e o
Ensino da Antropologia
em Portugal*

Vol. 7
1989

MUSEU E LABORATÓRIO ANTROPOLÓGICO
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Da Antropologia Simbólica à Antropologia Cognitiva

Ruy Coelho *

1. Introdução

Em épocas passadas houve sempre quem declarasse que a antropologia passava por crises ou revoluções, na maior parte das vezes esperando o pior de tal evento. Ultimamente avoluma-se o coro dos apocalípticos. Para eles, os avanços da antropologia cognitiva, que se toma pela própria antropologia e não por um seu ramo especializado, são indícios claros do fim da nossa ciência. O antropólogo cognitivo é psicólogo, filósofo, ou quando usa o método interpretativo, literato; tudo menos antropólogo. Contrariamente a essa opinião, creio que atravessamos um período de extraordinário enriquecimento da antropologia. Se revolução houve, não teve o feitiço de mutação súbita e radical, conforme a conceitua T. S. Kuhn. As transformações foram paulatinas e graduais. Dou relevo, portanto, à continuidade na evolução, e trato em conjunto da antropologia simbólica, antropologia semântica e antropologia cognitiva, que cobrem o mesmo território, ou territórios de tal sorte imbricados que não permitem a distinção de lindes, sequer a demarcação rigorosa de disciplinas. Assim é que, ao lado das conquistas antropológicas, assinalarei contribuições da psicologia e da linguística para a elucidação das formas colectivas do saber humano.

Preliminarmente, há que explicar uma omissão: neste esboço não se toca no estruturalismo. Justifica-se tal omissão porque me parece desnecessário e enfadonho reabrir a discussão acerca do corpo teórico mais debatido nestes últimos trinta anos. Como é de consenso geral, Lévi-Strauss e seus discípulos deram contribuições notáveis à antropologia cognitiva; basta citar *La pensée sauvage*, cujo poder sugestivo e estimulante perdura. O estruturalismo não está morto, portanto, mas a sua capacidade de inspirar pesquisas diminuiu consideravelmente. Deixo de lado, juntamente com o estruturalismo, as metodologias que, como ele, se firmam em pressupostos hipotético-dedutivos e utilizam modelos de ordem geral.

Interessa-me, na fase deliberadamente empirista que atravessamos, lançar luzes sobre as variáveis estratégicas que nortearam as pesquisas de campo nas ciências da cognição. O problema primordial e interdisciplinar parece-me ser o das segmentações e articulações possíveis das condutas cognitivas. Por outras palavras, tento enfocar quais unidades de análise se aplicam ao psiquismo humano no que tange ao conhecimento.

* Museu e Laboratório Antropológico da Universidade de Coimbra.

2. Unidade de análise dos sistemas socioculturais

Em 1934, Ruth Benedict lançou *Patterns of Culture*, e a palavra *pattern* foi transcrita em várias línguas, inclusive o português, até que se encontrasse "padrão" como seu equivalente. O uso desse termo para denotar constituinte básica da cultura generalizou-se, mas não se manteve, por se considerar demasiado abrangente. A própria Benedict em *The Chrysanthemum and the Sword* usa linguagem diferente. O crisântemo e a espada são figuras ou imagens impregnadas de valores afectivos e associações várias para o povo japonês. A autora toma-as como corporificação das tensões fundamentais da cultura japonesa. Pouco resta deste livro, que não resistiu aos ataques provenientes de todos os lados, sobretudo da parte dos cientistas sociais do Japão. O que, no critério de Popper e Bachelard, é marca evidente da sua grandeza. Entre os seus méritos, teve o de cristalizar a noção de *core symbol*, ou *key symbol*, "símbolo do cerne" ou "símbolo chave".

Estê conceito passou por várias metamorfoses. Cora Du Bois, em 1936, escreveu sobre resultados de seu primeiro trabalho de campo, em que falava de "valor interrogativo". Mas o instrumento que empregou de preferência após *The People of Alor* foi de "valores dominantes". A preocupação com valores desponta em várias publicações da época. Assim Florence Kluckhohn (1950) propõe "orientações dominantes", com tábuas de valores primários e secundários, como arcabouço da cultura. Etehel Albert conceitua "valores focais", que deve muito ao "foco cultural" de Herskovits (Herskovits, 1948, Albert, 1956). A teoria antropológica americana parecia almejar maior estruturação formal, que não logrou grande desenvolvimento. As décadas de 40 e 50 viram a eclosão e apogeu do movimento "cultura e personalidade", em que a noção de "personalidade básica", de origem psicanalítica, servia de fulcro conceitual. Mencione-se ainda a concepção de "tema" de Opler, que veio prematuramente, não encontrando ressonâncias (Opler, 1945, 1959).

A antropologia inglesa, ao contrário, sempre se pautou por noções precisas de estrutura. As tradições de Radcliffe-Brown e Malinowski eram seguidas com maior ou menor fidelidade. Mas havia temas, não formalizados em debates que se insinuavam na prática heurística. Evans-Pritchard refere que a maior dificuldade no trabalho de campo é determinar o sentido de algumas "palavras chaves" (key Words); disso depende o êxito de toda investigação (Evans-Pritchard, 1962, p. 80). Não será forçar a nota colocar *The Nuer* entre as primeiras obras de antropologia cognitiva, *avant la lettre* é claro, e uma das mais importantes, em que pese os ataques de que tem sido alvo ultimamente. Outra é *Naven*, de Gregory Bateson (1936), que se diria escrita com trinta anos de avanço. Por isto mesmo foi recebida com perplexidade; queixaram-se os críticos da presença constante do autor na trama expositiva, da atenção minuciosa dada a uma única cerimônia, do salto indutivo que leva às conclusões.... Não se deram conta da originalidade de tratar um ritual como vivência de símbolos na esfera da actividade litúrgica, como só Turner viria a fazê-lo. *Naven* teve o destino das obras precursoras: causou impacto, mas foi compreendida por poucos.

Ao contrário, *The Nuer* teve imensa posteridade científica. Sem pretender traçar um percurso histórico, dou um pulo de vinte anos, para focar um livro que lhe seguiu na esteira, o estudo de Godfrey Lienhardt sobre os Dinka. 'A semelhança dos Nuer, os Dinka constroem a sua cosmovisão a partir de experiência com gado. "The Dinka's very perception of colour, light and shade in the world around them is (...) inextricably connected with their recognition of colour configuration in their cattle. If their cattle colour vocabulary were taken away, they would have scarcely any way of describing visual experience in terms of colour, light and darkness." (Lienhardt, 1961: 13.) A configuração da sociedade é vista pelos Dinka por analogia com a constituição física do boi. Quando o animal é sacrificado ritualmente, dividem-se as carnes de acordo com as porções que cabem tradicionalmente aos diversos segmentos da sociedade. Dessa forma representam-se posições sociais, papéis, funções, todas as categorias sociais do grupo. Dificilmente se pode falar de processo inconsciente: a estrutura social apresenta-se sob feição de uma "consciência bovina". Obviamente, Lienhardt pretendia primordialmente focar a estrutura social dos Dinka; o aspecto cognitivo resultou da execução desse intuito, na leitura contemporânea do texto. Podemos aventar que, qualquer que seja o seu propósito o trabalho de campo bem feito lança luzes sobre os processos cognitivos, parte integrante do sistema sociocultural.

Passando a outra tradição científica, Victor Turner pertenceu à escola de Manchester, a qual, aliás para ser escola carece de unidade estrita de pontos de vista. Os antropólogos da Universidade de Manchester, como é sabido, exploraram a noção de conflito, que era parte já do arsenal metodológico da sociologia. Turner, num pronunciamento recente, declara que mais do que as ideias de Durkheim e Radcliffe-Brown foi influenciado por Dilthey, de quem derivou o conceito fundamental de experiência (Turner, 1986.) A unidade de análise que Turner utiliza é "símbolo dominante" que lhe dá flexibilidade no modo de tratar os contatos com a realidade exterior. Símbolo dominante supõe uma orientação básica, que emana da configuração mítico-cultural, mas não é rigidamente determinada por esta. Tampouco é lícito dizer que o símbolo dominante molda a conduta, mesmo quando se articula com outros para dar sentido ao rito. Experiência é o modo de cada qual assimilar o que lhe é inculcado pela acção. Desde o estudo sobre os Ndembu que se firma a noção extremamente rica que o rito é sempre inovador para os participantes, embora conserve suas grandes linhas (Turner, 1967). A teoria dramaturgicamente, que Turner elaborou a partir destas premissas, volta-se antes para a acção do que para o conhecimento. Ele próprio não explorou a fundo as ligações que existem entre a acção e processos cognitivos, o que se tentará mostrar a seguir. Muito mais haveria a dizer sobre Turner, mas não cabe mais fazê-lo dentro do plano que me impus.

3. Unidades de análise no contexto da acção social

Atravesso novamente o Atlântico para apontar que "símbolo dominante" se assemelha bastante a *core symbol*, que David Schneider derivou de Ruth Benedict, apro-

fundando-o e ligando-o melhor ao contexto. Schneider analisou o sistema americano de parentesco, como arena de oposição entre natureza e lei, da qual o *core symbol* é o acto sexual conjugal. (Schneider, 1968.) Filiando-se à mesma tradição, Sherry Ortner cunhou o termo *key symbol* ("símbolo chave") na sua tese de doutoramento de 1970; nela se identifica como tal o alimento entre os Sherpa (Ortner, 1978.).

Ortner, firmando-se no seu excelente trabalho de campo, pesquisou teoricamente o conceito ao longo da sua carreira, a começar pelo artigo *On key symbols* (Ortner, 1973). Distingue a autora de início duas categorias, que são tipos ideais nos dois extremos de um contínuo: *summarizing symbols* ("símbolos de sumário") e *elaborating symbols* ("símbolos de elaboração"). Os primeiros são condensações sentidas que o sistema tem para os participantes representando-o de maneira relativamente indiferenciada e altamente emocional. São os símbolos sagrados na acepção mais ampla do termo: a cruz para os católicos, a chisinga no ritual Ndembu, a bandeira para os americanos. São, portanto, sintéticos, carregados de valores, e movem as pessoas de modo imediato. Os símbolos de elaboração, ao contrario, são analíticos predominantemente cognitivos; fornecem aos membros da sociedade meios de analisar o mundo, definir metas e estratégias para alcançá-las. Na base destes símbolos, Ortner coloca um conceito colhido em Stephen Pepper, *root metaphor* ("metáfora-raíz"). No seu papel de orientadores da acção social, os símbolos de elaboração ampliam-se, vindo a constituir *key scenarios* ("cenários chaves").

Cenários chaves são definidos como pelas relações básicas entre meios e fins que a cultura formula como formas de acção possíveis e desejáveis. A categoria é abrangente. Ortner dá como exemplo o mito de Horatio Alger na cultura americana. Mas incluem-se nela também ritos e partes de ritos, e sequências de acção ordenadas em diferentes contextos. Noto de passagem a grande semelhança de conteúdo teórico entre esse termo e o de Milton Singer, *cultural performance*. Outros exemplos são o *naven* dos Iatmul, o *potlatch* da Costa Noroeste do Pacífico. Actos da vida quotidiana, como receber um hóspede e servir-lhe uma refeição, exemplo dos Sherpa, ordenam-se em formas repetitivas e tornam-se cenários chaves.

Lembremos que a palavra cenário de início foi tomada pelos economistas ao vocabulário das artes cénicas. No jargão do cinema foi encontrada a voz *script*, empregada correntemente em ciências da cognição, e que tentativamente se traduz por "guião". (Abelson, 1975, 1981; Schank e Abelson, 1977; Nelson, 1981). Mas a sua formação teve longo percurso, radizando na teoria dos *schemata*, que se originou na psicologia cognitiva das primeiras décadas do século.

Basta apenas enunciar os trabalhos da *Gestaltpsychologie*, que são demasiado conhecidos. Um dos primeiros a dar importância à parte da cultura na formação dos *schemata* foi Frederick Bartlett em seus estudos clássicos sobre a memória (Bartlett, 1932). Ernest Schachtel num artigo brilhante, publicado pela primeira vez em 1946 funde na sua fenomenologia dos *schemata* os achados de Bartlett com as lições de Bergson, Marcel Proust e Piaget. (Schachtel, 1963). Nesta linha se inscreve Ulric Neisser, que pro-

duziu um dos melhores tratados de psicologia cognitiva, que aliás se apoia amplamente noutras ciências da cognição. (Neisser, 1978).

O *schema* não corresponde ao conceito lógico definido com rigor. Representa uma forma de conhecimento corrente, em diferentes graus de abstração, abrangendo tanto o que é verdadeiro de modo geral quanto o que é local e ocasionalmente. Donde a flexibilidade da operação de inclusão no *schema*: os elementos que o compõem não são subunidades classificatórias, e não se relacionam segundo necessidade lógica. Sala de estar é *schema* que compreende cadeiras, sofás e mesas, ou tapetes, almofadas e tabuleiros numa casa árabe, ou esteiras e mesinhas baixas, numa casa japonesa (Rummelhart, 1980; Rummelhart e Ortony, 1977). O *schema* pode formar-se na prática, mas o mais das vezes tem matrizes anteriores; a parte de cada qual na sua elaboração é um dos pontos mais debatidos.

É difícil distinguir entre *schema* e *script*, sobretudo quando os termos se reportam ao plano temporal. Bartlett utiliza o conceito de "schema narrativo" (*story schema*), que se fixa ou não na memória, consoante as afinidades entre a história, a formação cultural do sujeito da experiência. O guião é a representação mais ou menos genérica de um evento, que deriva de contextos sociais e a eles se aplica. Alguns trabalhos sobre inteligência artificial fazem dele unidade constitutiva, "tijolo" da cognição, concepção geralmente posta em dúvida na actualidade. Schank e Abelson tem tornado claro que o guião é tão só um de MOPS (*memory organizing packets*) com que andam a trabalhar. Planos e temas são de âmbito mais vasto: o guião é restrito em relação à solução de problemas e tomada de decisões. Trata-se de uma sequência pré-estabelecida de actos prescritos ou optativos, que envolve as noções de papéis específicos e adereços. No computador, é um conjunto de *slots* e requisitos para os preencher. Alguns *slots* faltam em determinadas circunstâncias espaço- temporais, sem comprometer a estrutura global do guião. O exemplo que reproduzo a seguir é um dos mais frequentemente citados na literatura:

Cabeçalho (Header): Restaurante
 Papéis: Fregueses, criados, cozinheiros, caixa
 Meta: Alimentação (a principal)
 Outras: social, negócios, amorosa, etc.)
 Subguião I - Entrada
 entrar no restaurante
 procurar mesa vaga
 escolher a mesa
 dirigir-se a ela
 sentar-se
 Subguião II - Encomenda
 receber a ementa
 ler a ementa
 escolher o prato

encomendá-lo
Subguião III - Comer
receber o prato
comê-lo
Subguião IV - Saida
pedir a conta
receber a conta
deixar gorjeta
dirigir-se à caixa
pagar a conta
sair do restaurante

(Abelson, 1975, 1981; Schank e Abelson, 1977)

A representação veiculada pelo guião em confronto com a descrição parece esquelética e pobre. Penso na refeição Sherpa de Ortner, ou nos ritos Ndembu em Turner. Em parte, isso deve-se à abordagem específica dos estudos de inteligência artificial, deliberadamente simplificadora. Mas a *script theory* amplia-se para além desse domínio, penetrando em todas as ciências da cognição. O seu mérito principal está na divisão analítica das sequências, instrumento importante para estudo de problemas de memória e assimilação de conhecimentos.

Tomo como exemplo, de entre os trabalhos de Katherine Nelson e colaboradores aquele (Nelson, 1981) em que ela explora a aquisição de guiões por sujeitos de três a dezassete anos usando o protótipo do restaurante de Schank e Abelson. Não se evidencia, à medida que os anos passam, maturação ou aprofundamento de noções. Obviamente, a adolescente de dezassete anos é mais influente e articulada na sua exposição, que é mais rica em detalhes. A autora supõe que está em jogo aqui um tipo especial de aprendizagem, a que chamou "interação participante" (*participatory interaction*). A criança aprende por agir em comum com adultos, sem lições explícitas ou adestramento deliberado e programado: o guião executa-se por si mesmo, só se faz necessário segui-lo. Naturalmente, não é a única forma de assimilar os guiões; certos casos necessitam o inculcamento de regras. O que se propõe à reflexão é saber se parte considerável do processo de socialização pode dar-se por esta via. Talvez venha a constituir-se assim uma camada mais inabalável das formações culturais, já que o guião é aprendido como parte da realidade a que o indivíduo deve conformar-se. Os conflitos e contradições que despertam a consciência estão ausentes.

Na minha busca de precursores, aponto o caso de Anthony Wallace, que em meados da década de 60 escreveu um artigo que merece reconsideração. É simplesmente a descrição do percurso em automóvel de sua casa à Universidade de Pennsylvania cada dia, na cidade de Philadelphia, com o roteiro composto de sinais práticos que construíra. Não faz uso de terminologia especial, nem tira conclusões de maior monta, mas é uma tentativa original de vincular as estruturas do conhecimento à prática quotidiana. (Wallace, 1965)

Mas raríssimos são os que citam Wallace. Não o fazem, Janet Dougherty e Charles Keller, em artigo muito recente (Dougherty e Keker, 1985), que versa sobre o ofício de ferreiro e as actividades que põe em jogo. O fulcro é "tarefa" (*task*), conceito transparente na linguagem vulgar, empregado no contexto de algumas experiências da *gestalt*. Nadel, que tinha um doutoramento de psicologia em Viena, pretendia elaborar esta noção, conforme comunicações particulares que manteve comigo em Evanston no ano de 1948. Infelizmente, a sua morte prematura pôs termo ao projecto, do qual só restam algumas passagens da sua obra (Nadel, 1951). O que importa salientar desta análise, que os autores nomearam *taskonomy*, híbrido feio e desnecessário, é que as tarefas não se regem por lógica silogística. Não se conseguiu, por exemplo, estabelecer uma nomenclatura classificatória de ferramentas. O ferreiro, como artesão que é, lança mão de cada utensílio para um efeito desejado no momento de um trabalho que está realizando. Tampouco se obteve classificação sistemática dos materiais, que tanto eram matéria prima informe como objectos velhos a serem remodelados, ou partes deles, destacadas e conservadas em sua forma primitiva, e que passam a integrar objectos novos. O saber do ferreiro, que se endereça à prática, tem estruturas flexíveis e que permitem a criatividade individual.

O viciado em heroína das grandes cidades necessita de imensa criatividade para sobreviver e alimentar o vício. Michael Agar estuda a sórdida e precária existência desses personagens, usando uma panóplia de conceitos: *schemata*, tema, plano... (Agar, 1973, 1980, 1981, 1982, 1983). No fio desta exposição, destaca a maneira como os heroinómanos dividem em segmentos o acto supremo do seu dia, *getting a fix* (injectar a droga na veia). Renuncio a apresentar o quadro, que não é escrito em inglês corrente mas na língua dos *junkies*; a tradução e retradução acabariam por descolori-lo. Basta assinalar que os esquemas verbais do viciado recortam a acção segundo uma sucessão de fases que obedece a critérios pragmáticos. Outro acto corrente de sua vida, que é o roubo, supõe a captação de indícios ténues, a interpretação adequada dos signos, e decisões prontas e rápidas. As narrativas de Agar lembram, por vezes os relatos de caça ou expedição guerreira de alguns povos, pelas tensões que se estabelecem entre o protagonista e o mundo exterior.

Os pescadores de salmão do Alasca vivem obviamente em condições mais sadias. John B. Gatewood foi, durante três estações, pescador profissional, o que lhe deu matéria para tese de doutoramento na Universidade de Illinois (Gatewood, 1987). A pesca do salmão naquelas paragens é altamente técnica, envolvendo a utilização de barcos e aparelhamento modernos, e redes de 500 metros de comprimento e cerca de 300 metros de profundidade. As equipas que tomam parte numa operação de pesca forçosamente tem que estar entrosadas de modo a assegurar o seu êxito. Curiosamente, o rigor do entrosamento não exige a mesma representação mental para todos os participantes. A sequência de operações, obviamente decorre de exigências técnicas em se tratando de actividade de pesca altamente sofisticada, com emprego de maquinaria mais moderna. Cada qual tem intervenção específica nessa sequência, que se desencadeia a partir de um momento preciso, que actua como sinal, à semelhança da "deixa" do actor na gíria teatral. O "schema" assim formado altera-se à medida que o neófito se torna mais destro, simpli-

ficando-se, tornando-se mais geral, compreendendo divisões diferentes das fases de acção, pelo menos na versão individual. Gatewood não tem intuito polémico; simplesmente considera que as ciências cognitivas, têm como problema central a acção, falar e pensar sendo outras formas de agir. O que importa é saber como a pessoa representa as acções para si própria. "Actions are underlain by personal rather than collective representations. The constituent cognitive structures may or may not be labeled, and, if labeled, these may or may not derive from collective speech forms." Donde a proposta de mudança radical de análise e terminologia. "Rather than speaking of ideas, concepts, categories and links, we should speak of flows, contours, intensities and resonances". (Gatewood, 1987, p.216). Assim se poderão incluir as dimensões temporais, que estão no âmago da compreensão das estruturas cognitivas. Toda a vida social com suas múltiplas manifestações culturais é antes a orquestração da diversidade do que a réplica da uniformidade.

4. Representação Colectiva: Conceito Obsoleto?

A fórmula é sedutora, mas resta o problema: que fazer com a representação colectiva e outros termos de nível conceitual, descartá-los simplesmente? Wallace, Schank e Abelson, Dougherty e Keller, Agar, Gatewood mostram que as construções pessoais não são cópias em papel químico das representações colectivas. Abrem-se possibilidades para diferenças interindividuais, que necessariamente mudarão as estruturas cristalizadas do conhecimento, as quais por seu turno, dependem das estruturas sociais. A pesca do salmão no Alasca é um empreendimento capitalista que obedece à motivação de lucro e pauta-se por critérios de eficácia; há directrizes colectivas que a estruturam. O uso da heroína situa-se em contexto urbano, dentro de quadros jurídicos e policiais. Na verdade ninguém afirma o contrário. Mas não se percam de vista verdades fundamentais, talvez simplistas.

A representação colectiva como base da operação classificatória, tal como elaboraram Durkheim e Mauss em 1904 ainda não se esgotou como matéria de cogitação. Pelo menos é o que pensa David Bloor, que a "revisita" (Bloor, 1982). Na verdade poucas ideias de Durkheim e Mauss, neste particular, passaram ao pensamento antropológico geral e assim mesmo diluídas, contaminadas por concepções de Lévy-Bruhl, que as contradizem em parte. Não há interesse em retomar uma temática exaurida: o pensamento concreto do primitivo, a sua incapacidade de abstracção, e assim por diante.

5. Análise Linguística e Critérios Classificatórios

O ponto principal subjacente a todas essas concepções é que o selvagem pensa por imagens. A imagem é afectiva, imprecisa, não desenha um campo semântico delimitado. As línguas primitivas refletiriam essa predominância. É pacífico hoje em dia que não existe "língua primitiva", mesmo as faladas por povos de tecnologia rudimentar.

Transcrevo o que diz Bresson acerca de toda e qualquer linguagem: "...le langage possède une organisation qui, dans les énoncés produits, fait apparaître des marques d'opérateur, fonctionnant en compréhension, comme des ordres d'opérer et qui, en même temps, sont la trace des opérations effectuées en production: la négation, les marques aspectuelles, les pronoms, etc. en sont des exemples. On peut dire aussi que le langage procède analytiquement, et que la représentation référentielle d'un énoncé implique l'effectuation, selon un processus de type synthèse, des opérations marquées en surface. C'est ce qui permet au langage de traiter le singulier, le général, le quelconque." (Bresson, 1982, pp. 89-90). Por vezes, a análise etnológica confunde-se com a análise linguística, como no caso dos toxicómanos de Agar, cujo jargão corporifica o seu quotidiano.

Eis que surge um problema muito longe de ser solucionado: as inferências implícitas na linguagem, as ordens de operar, segundo Bresson, são do mesmo teor que as ilações lógicas? Da sistematização do agir quotidiano que se realiza nessa outra forma de acção que é o falar, depreende-se uma filosofia de vida? Estou trazendo à baila a hipótese de Sapir-Whorf, assim chamada, que aliás se deve mais à Whorf que a Sapir, e que mais que uma hipótese é uma verdadeira teoria. O que disse Whorf exactamente não se coaduna de modo total com o que corre por aí com o nome de hipótese de Sapir-Whorf. Lucy e Shweder "revisitam" Whorf e chegam a essa conclusão. As experiências que levaram a cabo parecem ainda justificar uma posição whorfiana rectificadora (Lucy and Shweder, 1981; ver também Kay and Kempton, 1984).

Lucy e Shweder tratam especificamente das cores e suas relações com os sistemas linguísticos e cognitivos, um dos campos em que mais pesquisas houve nestes trinta anos de antropologia cognitiva. Algumas delas estão consignadas na bibliografia. Seguem-se na ordem de importância estudos sobre classificações biológicas, moléstias, noções de personalidade, e emoções. No que toca às cores, modelos linguísticos talhados na teoria de Whorf eram predominantes. As escalas cromáticas supunha-se ser elaboradas privativamente por cada grupo étnico consoante os seus padrões de fala. Essa posição particularista e relativista foi subitamente abandonada em favor do seu oposto a partir da publicação de *Basic Color Terms*, de Brent Berlin e Paul Key, em 1969. A atenção voltou-se para as gradações psicofísicas do espectro luminoso. A hipótese que se pretendia verificar era a das "áreas focais" nesse espectro, que se impusesse ao sistema perceptual do homem, formando termos básicos sistematizados pela memória independentemente da linguagem e da cultura. Reafirma-se uma concepção da natureza humana universal e do inatismo dos processos psicológicos. Vários, senão a maioria, adoptaram as novas directrizes, pelo menos no decorrer da década de setenta. Só recentemente houve ponderações que moderaram esse extremismo universalista.

Algo de semelhante se passou com as classificações etnobotânicas e etnozoológicas. (Berlin, 1981; Berlin, Breedlove and Raven, 1973, 1974; Dougherty, 1981; Frake, 1969; Gardner, 1976, 1984; Hunn, 1975, 1985; Keesing, 1987a, 1987b; Rosch, 1975; Rosch and Lloyd, 1978.). Também aqui se levantou a questão da universalidade dos princípios organizatórios das taxinomias nativas. Por influência de Brent Berlin, mas não uni-

camente, foi geralmente admitido que estas se baseiam em critérios universais e que tendem a aproximar-se senão confundir-se com a classificação de Lineu.

Bent Berlin e sua escola são os principais defensores da concepção universalista da taxonomia. Outros autores dão-se conta que a classificação das espécies biológicas propõe problemas mais complexos do que a das cores. Os seres vivos, sem dúvida têm características específicas que favorecem a constituição de classes. Serão elas sensivelmente as mesmas em todas as culturas, e seguem o modelo da ciência ocidental?

Em primeiro lugar, há que focar a questão da "saliência" (no sentido da *Gestalttheorie*) das características em conjunção com o arbitrário de toda a representação, facto elementar da linguística que se perde de vista. Não se estará atribuindo a Lineu o privilégio de ter incorporado ao seu sistema a realidade em si? Esse sistema resultou do trabalho de gerações através dos séculos, dos humildes herboristas medievais aos sábios do iluminismo. A traços que foram seleccionados, também no Ocidente após íntimo conhecimento do animal ou do vegetal e que vêm a fundamentar as categorias taxonómicas por sua aceitação pelo mundo científico. Não encontrei nenhum relato etnobotânico de algum povo em que se fizesse a distinção entre criptógamos e fanerógamos ou dicotiledóneos e monocotiledóneos (ver Dougherty, 1981).

Se a colaboração entre as ciências da cognição é útil, todavia não se baralhem as suas lindes. O termo representação não é unívoco: pode conotar percepto individual, nutrido de imagens e algumas vezes preservado na memória involuntária proustiana; não se confunde com *unidade léxica de sentido* (sema, semema, semantema...), nem com conceito (Denis et Dubois, 1973). O primeiro é objecto da psicologia da percepção, que não é serva da semântica linguística ou da semiótica. Há vantagem heurísticas e teóricas em respeitar a autonomia da lógica epistemológica que se ocupa do conceito. O taxon é evidentemente uma categoria cognitiva elaborada. Lineu trabalhou no sentido de libertá-lo das pressões semânticas criando um latim bárbaro sobreposto a todas as línguas europeias vivas, de funções puramente referências. Todo o sistema lógico é fruto de trabalho semelhante, é culminação dos processos cognitivos, esta no seu ápice e não na sua base.

De tudo o que vimos depreende-se que os progressos reais e a riqueza da antropologia contemporânea lhe vêm principalmente do reconhecimento da diversidade de planos na linguagem, na mente humana, na vida cultural. Acredito que a ciência avança quando define programas heurísticos de cortes limitados do real. As grandes questões incitam a ensaios, especulações teóricas que têm interesse próprio antes como preparação das tarefas concretas da pesquisa. Como exemplo do reconhecimento dos planos múltiplos do saber citarei os trabalhos recentes de Eugene Hunn. Anteriormente propusera medir o grau de correspondência entre as classificações naturais e a taxonomia científica (Hunn, 1975). A ideia de que a classificação particular de uma etnia se funda num puro desejo de conhecimento provocou-lhe insatisfação. Foi levado então a conceber a noção de *activity signature* dos *taxa* étnicos. A necessidade de criar-se um outro neologismo é discutível. Revela-se fecunda porém a posição do autor, que põe em relevo as preocupações utilitárias nas classificações etnobiológicas, relacionando a

semântica com a integração cognitiva e a adaptação dos grupos étnicos ao meio ecológico (Hunn, 1985).

6. Conclusões

O fio condutor dessa exposição foi o estudo das unidades de análise utilizadas por alguns cientistas da cognição e o livre trânsito que se estabelece nas fronteiras abertas das ciências cognitivas. O conceito de símbolo prevalece num complexo teórico essencialmente durkheimiano, em que o comportamento se concebe governado por princípios jurídicos explícitos ou normas implícitas no plano ético, fundamentos da ordem social. A etnociência americana parte da cultura como estilo de comportamento que engendra as estruturas institucionais. Na sua base estaria uma "gramática" cultural derivada da linguagem, mas não se confundindo com ela, ou modelando-se pela natureza exterior. Na visão contemporânea o uso de termos novos implica em novas relações entre regras e conceitos já que nos contextos práticos estalam as noções lógicas de base, as quais podem conservar-se em interpretações de âmbito mais amplo. Salientei a complementaridade possível de diferentes linhas de pesquisa.

Na verdade, se não houve transformações radicais na antropologia com o surgimento do ramo cognitivo, deram-se mudanças nas orientações heurísticas e nos métodos de trabalho. Assim, as inovações terminológicas não são gratuitas nem arbitrárias, mas traduzem a preocupação de dar focos mais restritos à exploração da realidade, constituindo-se materiais empíricos de maiores possibilidades de aferição. A idéia de reproduzir a totalidade do sistema sociocultural, segundo os moldes de objectividade das ciências naturais do século passado, conta com um número cada vez menor de adeptos. No que toca aos métodos, desconfia-se do informante omnisciente, reflete-se sobre a situação do etnólogo no campo e seu relacionamento com os homens que observam, que não são redutíveis ao objecto. Renasce o interesse pela autobiografia e amplia-se imensamente a aplicação das técnicas audiovisuais. A visão da cultura como um todo tende progressivamente a pautar-se pelos princípios da interpretação. A retomada da hermenêutica na nossa época abre vastas perspectivas.

A posição que assumo, que me parece mais consentânea com os achados empíricos mais recentes, é a de prescindir da concepção ontológica de regra. Isto é válido para o plano ético-jurídico, para o do comportamento psicológico, assim como para o da cognição. A lógica, no dizer de Wittgenstein, não tem que prestar contas à realidade. A realidade subordina-se à lógica, livre criação da cultura. Em todas as actividades humanas estamos sustentando a coerência do todo por seguir as regras do jogo, que não pairam acima dele, nem estão ocultas no seu âmago, mas simplesmente o constituem.

BIBLIOGRAFIA

ABELSON, ROBERT P., 1975. Concepts for representing mundane reality in plans. In Bobrow, D. and A. Collins, eds., *Representation and Understanding: Studies in Cognitive Science*, New York, Academic Press.

ABELSON, ROBERT P., 1981. Psychological status of the script concept, *American Psychologist*, 36, pp. 715-729.

ABRAHAMS, ROGER D., 1986. Ordinary and extraordinary experience. In Turner, V. W. and E. M. Bruner, *The Anthropology of Experience Urbana and Chicago*, University of Illinois Press.

AGAR, MICHAEL, 1973. *Ripping and Running: A Formal Ethnography of Urban Heroin Addicts*, New York, Academic Press

AGAR, MICHAEL, 1980. Stories background knowledge and themes: Problems in the analysis of life history narrative, *American Ethnologist*, 7 (2), pp. 223-240.

AGAR, MICHAEL, 1981. Talking about doing: lexicon and event" in Casson, R. W. (editor) *Language, Culture and Cognition: Anthropological Perspectives* pp. 114-119, New York, Macmillan.

AGAR, MICHAEL, 1982. Toward an ethnographic language, *American Anthropologist*, 84, pp. 779-795.

AGAR, MICHAEL and J. R. HOBBS, 1981. Interpreting discourse: coherence and the analysis of ethnographic interviews, *Discourse Process*, 5, p. 532.

AGAR, MICHAEL and J. R. HOBBS, 1983. Natural Plans, *Ethos*, 11, pp. 33-48.

AGAR, MICHAEL and J. R. HOBBS, 1985. "How to grow schemata out of interviews" in Dougherty, J. W. D., (editor), *Directions in Cognitive Anthropology, Urbana and Chicago* University of Illinois Press, pp. 413-431.

ALBERT, ERHEL, 1956. The Classification of Values: A Method and Illustration, *American Anthropologist*, 58, pp. 221-248.

ARDENER, EDWIN, 1982. "Social Anthropology, language and reality", in Parkin, D. (editor) *Semantic Anthropology - ASA Monographs* nx 22, London, Academic Press, pp. 1-14.

ASAD, TALAL, 1984. "The concept of cultural translation in British social anthropology" in Clifford, J. and G. E. Marcus (eds). *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, Berkeley, Los Angeles, London, University of California Press, pp. 141-164.

BARNES, R. H., 1974. *Kédang: A Study of Collective Thought of an Eastern Indonesian People*, London, Oxford University Press.

BARTLETT, F. C., 1932. *Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology* Cambridge, Cambridge University Press.

BASSO, KEITH H. and H. A. SELBY (editors), 1971. *Meaning in Anthropology* Albuquerque, University of New Mexico Press.

BATESON, G., 1936. *Naven*, London, Cambridge University Press

BEIDELMAN, T. O. editor, 1971. *The Translation of Culture: Essays to E. E. Evans-Pritchard*, London, Tavistock.

BENEDICT, RUTH, 1934. *Patterns of Culture* Boston, Houghton- Mifflin.

BENEDICT, RUTH, (1946) 1967. *The Chrysanthemum and the Sword* Cleveland and New York: World.

BERLIN, B. and BERLIN, E. A., 1975. Aguaruna color categories, *American Ethnologist*, 2, pp. 61-87.

BERLIN, BRENT, 1981. "The concept of rank in ethological classification: some evidence from Aguaruna folkbotany. In Casson, Ronald W. (ed), *Language, Culture and Cognition: Anthropological Perspectives*, New York, Macmillan.

BERLIN, B., and KAY, P., (1969) 1970. *Basic Color Terms* Berkeley University of California Press.

BERLIN, B., BREEDLOVE, D. E. and RAVEN P., 1973. General principles of classification and nomenclature in folk biology, *American Anthropologist*, 75, pp. 214-242.

BERLIN, B., BREEDLOVE, D. E. and RAVEN P., 1974. "Principles of tzeltal plant classification: an introduction to the botanical ethnography of a Mayan speaking people of Highlands Chiapas", New York, Academic Press.

BLACKING, JOHN A. editor, 1977. *The Anthropology of the Body* ASA Monographs nº 15. London, New York, San Francisco. Academic Press.

BLOOR., D., 1982. "Durkheim and Mauss revisited: classification and the sociology of knowledge". *Studies in the History and Philosophy of Science*, Vol. 13, nº 4, pp. 267-297.

BOBROW, D. G. and COLLINS, A. M. editors, 1978. *Representations and Understanding Studies in Cognitive Science* New York, Academic Press.

BRESLIN, R. E., S. BOCHNER and LONNER W. J. editors., 1975. *Cross-Culture Perspectives on Learning* New York, John Wiley.

BRESSON, FRANOIS, 1982. "La psychologie cognitive demain, peut- être" en *Psychologie de Demain*, sous la direction de Paul Fraisse, Paris, P.U.F., pp. 83-96.

BREWSTER SMITH, M., 1985. "The metaphorical basis of selfhood" in Marsella, A. J., Devos, G. and Hsu F.H.K., (eds). *Culture and Self: Asian and Western Perspectives*, New York and London, Tavistock, pp. 56-88.

BRUNER, EDWARD M., 1988. "Ethnography as Narrative" in *The Anthropology of Experience*, edited by Turner, Victor W. and Bruner Edward M., Urbana and Chicago, University of Illinois Press.

BRUNER, JEROME and DAVID KRECH editors, 1950. *Personality and Perception: A symposium* Durham, N. J., Duke University Press, 1950.

BRUNER, JEROME, GOODNOW JACQUELINE and AUSTIN, GEORGE A., 1956. *A Study of Thinking* New York, Wiley.

BURLING, ROBBINS, 1964. "Cognition and componential analysis: God's truth or hocus-pocus?" In Tyler S. (ed.) *Cognitive Anthropology* New York, Holt, Rinehart and Winston, pp. 419-428.

BURLING, ROBBINS, 1965. "How to choose a Burmese numeral classifier" in Spiro, M. E. (ed.) *Context and Meaning in Cultural Anthropology* in *Context and Meaning in Cultural Anthropology: in Honor of A. Irving Hallowell*, New York Free Press, London, Collier-Macmillan, pp. 243-264.

CARRITHER, MICHAEL, COLLINS S. and LUKES S. editors, 1985. *The Category of Person: Anthropology, Philosophy, History* Cambridge, etc., Cambridge University Press.

CASSON, RONALD W., 1983. "Schemata in Cognitive Anthropology", *Annual Review of Anthropology* 12, pp. 429-462.

CASSON, RONALD W. editor, 1981. *Language, Culture and Cognition: Anthropological Perspectives* New York, Macmillan.

CAWS, P., 1974. Operational, representational and explanatory models. *American Anthropologist*, 76, 1, pp. 1-10.

CRICK, MALCOLM, 1982. Anthropological field research, meaning, creation and knowledge construction" in Parker, D., editor, *Semantic Anthropology ASA Monographs* nº 22, London, Academic Press, pp. 15-38.

D'ANDRADE, ROY, 1984. "Cultural Meaning Systems" in Shweder, R. Hand R. A., Le Vine (eds) *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*, Cambridge, etc. Cambridge University Press, pp. 88- 121.

D'ANDRADE, ROY, 1987. "A folk model of the mind" in Holland, D. and Quinn, N. *Cultural Models in Language and Thought* Cambridge, etc. Cambridge University Press, pp. 111-150.

DENIS, MICHAEL et DUBOIS DANILE, 1976. La representation cognitive: quelques modèles récents *Année Psychologique*, 76: pp. 541-562.

DOUGHERTY, JANET W.D., 1981. "Salience and Relativity in Classification" in *Language, Culture and Cognition: Anthropological Perspectives* ed. by Casson, Ronald W., New York, Macmillan.

DOUGHERTY, J. W. D. and KELLER C. M., 1985. "Taskonomy: a practical approach to knowledge structures", in Dougherty J. W. D. (ed.) *Directions in Cognitive Anthropology* Urbana and Chicago, University of Illinois Press. pp. 161-176.

DOUGHERTY, J. W. D. (editor), 1985. *Directions in Cognitive Anthropology* Urbana and Chicago, University of Illinois Press.

DU BOIS, CORA, 1936. "The wealth concept as an integrative factor in Tolowa-Tututni culture" in *Essays in Anthropology Presented to A. L. Kroeber* Robert Lowie (editor) Berkeley University of California Press.

DU BOIS, CORA, 1955. The dominant value profile of American Culture *American Anthropologist*, 57, pp. 1232-1239.

EVANS-PRITCHARD, E. E., 1937. *Witchcraft, Oracles and Magic among the Azande* Oxford, Clarendon.

- EVANS-PRITCHARD, E. E., 1940. *The Nuer* Oxford, Oxford University Press. 1962. *Social Anthropology and Other Essays* New York: Free Press.
- FERNANDEZ, J. W., 1974. The mission of metaphor in expressive culture *Current Anthropology*, 15, 2, pp. 119-146.
- FLAVELL, JOHN H. and ROSS LEE (eds), 1981. *Social Cognitive Development* Cambridge, etc. Cambridge University Press.
- FORTES, MEYER., 1966. "Religious premisses and logical techniques in divinatory ritual" *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, 251, pp. 409-422.
- FRAISSE, PAUL (direction), 1982. *Psychologie de Demain* Paris, P.U.F.
- FRAKE, C. O., 1961. The diagnosis of disease among the Subahun of Mindahao *American Anthropologist*, 63, pp. 113-132.
- FRAKE, C. O., 1962. "The ethnographic study of cognitive systems" in S. Tyler (ed). *Cognitive Anthropology* New York, Holt, Rinehart and Winston, pp. 28-41.
- FRAKE, C. O., 1977. "Plying frames can be dangerous: some reflections on methodology in cultural anthropology" *Quarterly Newsletter of the Institute for Comparative Human Development* 1 (3), pp. 1-7.
- GARDNER, P. M., 1976. Birds, words and a requiem for the omniscient informant *American Ethnologist*, 3, pp. 446-468.
- GARDNER, HOWARD, 1983. *Frames of Mind: the theory of Multiple Intelligences* New York, Basic Books.
- GARDNER, HOWARD, 1984. "The development of competence in culturally defined domains: a preliminary framework" in Shweder R. A. and Le Vine R. A. (eds) *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion* Cambridge, etc., Cambridge University Press, pp. 257-275.
- GATEWOOD, JOHN B., 1987. "Actions speak louder than words" In Doughert, Janet W. D. (editor). *Directions in Cognitive Anthropology*, Urbana and Chicago. University of Illinois Press.
- GEERTZ, CLIFFORD, 1966. "Religion as Cultural System" in *Anthropological Approaches to the study of religion*, Banton, Michael (ed.) ASA Monographs nº 3, London, Tavistock.

GEERTZ, CLIFFORD, 1973. *The Interpretation of Cultures* New York, Basic Books.

GEERTZ, CLIFFORD, 1973. "Deep play: notes on the Balinese cockfight" in Geertz, Clifford *The Interpretation of Cultures*. New York, Basic Books.

GEERTZ, CLIFFORD, 1976. "From the native's point of view: on the nature of anthropological understanding" in Keith H. Basso and Selby M. H. A. (eds) *Meanings in Anthropology* Albuquerque, University of New Mexico Press.

GEERTZ, CLIFFORD, 1986. "Making experience, authoring selves", in Turner, V. W. and Bruner E. M. (eds), (eds) *Urbana and Chicago*, pp. 373-380.

GLUCKMAN, MAX (editor), 1962. *Essays in the Ritual of Social Relations* Manchester, Manchester University Press.

GLUCKMAN, MAX, 1968. Psychological, sociological and anthropological explanations of witchcraft and gossip: a classification *Man*, 3, 1, pp. 20-34.

HERSKOWITS, MELVILLE J., 1948. *Man and his Works* New York, Knopf.

HOBART, MARK, 1982. "Meaning or moaning? An ethnographic note on a little understood tribe" in Parkin, D. editor *Semantic Anthropology ASA Monographs nº 22*, London, etc. Academic Press, pp. 39-64.

HORTON, R., 1962. *The Kalabari world-view: an outline and interpretation Africa.*, vol. 32. pp. 197-220.

HORTON, R., 1964. *Ritual man in Africa*, Africa. vol. 34., pp. 805-104.

HORTON, R., 1967. *African traditional thought and Western science*, Africa, vol. 37, pp. 50-71, 155-187.

HORTON, R., 1974. *Modes of Thought. Essays on the thinking of Western and non-Western Societies* London, Faber and Faber.

HOLLAND, DOROTHY and N. QUINN (eds), 1987. *Cultural Models in Language and Thought* Cambridge etc, Cambridge University Press.

HSU, FRANCIS L. K., 1985. "The self in cross-cultural perspective" in Marsella, H. J., De Vos, G. and F. K. L. Hsu (eds). *Culture and Self: Asian and Western Perspectives* New York and London, Tavistock, pp. 24-65.

HUHN, EUGENE, 1975. A measure of the degree of correspondence of folk to scientific biological classification *American Ethnologist*, 2, pp. 209-327.

HUHN, EUGENE, 1985. "The utilitarian factor in folk biological classification" in Dongherty, J. W. D. (editor). *Direction in Cognitive Anthropology Urbana and Chicago*. University of Illinois Press. pp. 117-140.

HUTCHINS, EDWIN, 1987. "Myth and experience in the Trobriand Islands" in Holland, D. and Quinn N. (eds). *Cultural Models in Language and Thought* Cambridge etc., Cambridge University Press, pp. 269-289.

HUTCHINS, EDWIN, 1981 "Reasoning in Trobriand Discourse" In Casson, Ronald W. (ed.) *Language, Culture and Cognition* New York, Macmillan.

HUTEAU, MICHAEL, 1985. *Les conceptions cognitives de la personnalité* Paris, P.U.F.

JOHNSON, FRANK, 1985. "The Western conception of self" in Marsella, A. J., De Vos G. and F. L. K. Hsu (eds). *Culture and self: Asian and Western Perspectives*, New York and London, Tavistock, pp. 91-138.

KAPLAN, B. and LAWLESS R., 1965. "Culture and visual imagery: a comparison of Rorschach responses in eleven societies" in Spiro, M. E. *Context and Meaning in Cultural Anthropology in Honor of A. Irving Hallowell* New York, The Free Press, London, Collier-Macmillan., pp. 295-311.

KAY, P. and KEMPTON W., 1984. What is the Sapir-Whorf hypothesis? *American Anthropologist*, 86. pp. 65-79.

KEESING, ROGER M., 1981. "Theories of Culture" In Casson, R. W. (editor) *Language, Culture and Cognition: Anthropological Perspectives* New York, Macmillan, pp. 42-66.

KEESING, ROGER M., 1985. Kwaio women speak: the micropolitics of autobiography in a Solomon Island society *American Anthropologist*. Vol. 87, pp. 27-39.

KEESING, ROGER M., 1987. "Models, folk and cultural: paradigms regained ?" in Holland D. and Quinn N. (eds). *Cultural Models in Language and Thought* Cambridge etc., Cambridge University Press. pp. 369-393.

KEESING, ROGER M., 1987. African models in the Malaita Highlands *American Ethnologist*, 22 (3), pp. 431-452.

KLUCKHOLM, FLORENCE, 1950. Dominant and substitute profiles of cultural orientation Social Forces. 28, pp. 376-393.

LA FONTAINE, J. S., 1985. "Person and individual: some anthropological reflections in Carrituers M., Collin, S. and Lukes S. (eds). The Category of Person: Anthropology, Philosophy, History. Cambridge etc., Cambridge University Press, pp. 123-140.

LAKOFF, G. and KOVECSES Z., 1987. "The cognitive model of anger inherent in American English" in Holland, D. and Quinn N. (eds). Cultural Models in Language and Thought Cambridge, etc., Cambridge University Press. pp. 195-221.

LE NY, JEAN FRANOIS, 1982. "Psychologie cognitive et psychologie de l'affectivité" in Psychologie de Demain, sous la direction de Paul Fraisse. Paris P.U.F., pp. 97-118.

LIENHARDT, R. G., 1961. Divinity and Experience: The Religion of the Dinka Oxford, Clarendon Press.

LUCY, JONHN A. and SCHWEDER, RICHARD A., 1981. "Whorf and his critics: linguistic and non-linguistic influences on color memory. In Language, Culture and Cognition: Anthropological Perspectives ed by Casson Ronald W., New York, Macmillan.

LUTZ, CATHERINE, 1987. "Goals, events and understanding in Ifaluk emotion", in Holland, D. and Quinn, N. (eds). Cultural Models in Language and Thought Cambridge etc., Cambridge University Press. pp. 290-31...

MARCUS, GEORGE E AND DICK CUSHMAN, 1982. "Ethnographies as texts", in Annual Review of Anthropology, 11, pp. 25-69.

MARSELLA, A. J., 1985. "Culture, self, and mental disorder", in Marsella, A. J., DeVos, G. and F. L. K. Hsu, editors, Culture and Self. Asian and Western Perspectives, New York and London, Tavistock.

MARSELLA, A. J., DEVOS, G. AND F. L. K. HSU, EDITORS, 1985. Culture and Self. Asian and Western Perspectives, New York and London, Tavistock.

MARSELLA, A. J. AND G. WHITE, EDITORS, 1982. Cultural Conception of Mental Health and Therapy, Dordrecht, Boston, Reidel.

MAUSS, M., 1985 (1938). "A category of the human mind: the notion of person, the notion of self", in Carrithers, M., Collins, S., and S. Lukes, editors, The Category of Person: Anthropology, Philosophy and History, Cambridge, Cambridge University Press.

NADEL, S. F., 1951. *The Foundations of Social Anthropology*, London, Cohen and West.

NEISSER, U., 1978. *Cognition and Reality: Principles and Implications of Cognitive Psychology*, San Francisco, Freeman.

NELSON, K., 1978. "How young children organize knowledge of the world, in and out of language", in Siegel, R., editor, *Childrens Thinking: What Develops?*, Hillsdale, N. J., Erlbaum.

NELSON, K., 1981. "Social cognition in a script framework", in Flavell, J. H. and L. Ross, editors, *Social Cognitive Development. Frontiers and Possible Futures*, Cambridge, Cambridge University Press.

OPLER, M. E., 1945. "Themes as dynamic forces in culture", *American Journal of Sociology*, 51, pp. 198-206.

OPLER, M. E., 1959. "Component assemblage and theme in cultural integration and differentiation". *American Anthropologist*, 61, pp. 955-964.

ORTNER, S. B., 1973. "On key symbols", *American Anthropologist*, 75, pp. 1338-1346.

ORTNER, S. B., 1978. *Sherpas Through Their Rituals*, London, Cambridge University Press.

ORTNER, S. B. AND H. WHITEHEAD, EDITORS, 1981. *Sexual Meanings. The Cultural Constructs fo Gender and Sexuality*, New York, Cambridge University Press.

PARKIN, D. EDITOR, 1982. *Semantic Anthropology*, London, Academic Press.

PIAGET, J. ET B. INHELDER, 1962. *La psychologie de l'enfant*, Paris, Presses Universitaires de France.

PIAGET, J. ET B. INHELDER, 1967. *L'image mentale chez l'enfant*, Paris, Presses Universitaires de France.

PROUST, M., 1987. *A la recherche du temps perdu*, vol. I, Paris, Gallimard, La Pléiade, éd. Tadié, J. Y.

PROUST, M., 1987. *Idem*, vol. II.

QUINN, N., 1985. "Commitment in American marriage", in Dougherty, J. W. D. editor, *Direction in Cognitive Anthropology*, Urban and Chicago, University of Illinois Press.

ROMNEY, A. K. AND D'ANDRADE, R. G. EDITORS, 1964. *Transcultural Studies in Cognition*, American anthropologist, Special Publication, 66, 3. pt. 2.

ROSALDO, M. Z., 1984. "Toward an anthropology of self and feeling", in Shweder, R. A. and R. A. LeVine, editors, *Essays on Mind, Self and Emotion*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 131-152.

ROSALDO, M. Z., 1987. *Knowledge and Passion: Ilongot Notions of Self and Social Life*, Cambridge, Cambridge University Press (1980).

ROSALDO, R., 1986. "Ilongot hunting as story and experience", in Turner, V. W. and E. M. Bruner, editors, *The Anthropology of Experience*, Urbana and Chicago, University of Illinois Press, pp. 97-138.

ROSCH (HEIDER), E., 1972. "Universals in color naming and memory", *Journal of Experimental Psychology*, 93, pp. 10-20.

ROSCH (HEIDER), E., 1975. "Universals and cultural specifics in human categorization", in *Cross-cultural Perspectives on Learning* Breslin, R. E., and W. J. Lonner, editors, New York, John Wiley.

ROSCH, E. AND B. LLOYD, 1978. *Cognition and Categorization*, Hillsdale, N. J. Erlbaum.

RUMMELHART, D. E., 1980. "Schemata as building blocks of cognition", in Spiro, R. S. Bruce and W. Brewer, editors *Theoretical Issues In Reading Comprehension*, Hillsdale, N. J. Erlbaum.

RUMMELHART, A. E. AND A. ORTONY, 1980. "The representation of knowledge in memory", in Anderson, R. C., R. C. Spiro and E. Montague, editors, *Schooling and the Acquisition of Knowledge*, Hillsdale, N. J., Erlbaum.

SAPIR, E., 1951. *Selected Writings*, D. Mandelbaum, editor, Berkeley, University of California Press (1944).

SCHACHTEL, E. G., 1963. *Metamorphosis: On the Development of Affect, Perception, Attention and Memory*, London, Routledge and Kegan Paul (1959).

SCHANK, R. C., 1975. "The structure of episodes in memory", in Bobrow, D. G. and A. Collins, editors, *Representation and Understanding*, Hillsdale, N. J. Erlbaum.

SCHANK, R. C. AND ABELSON, R., 1977. *Scripts, Plans, Goals and Understanding: A Inquiry into Human Knowledge Structures*, Hillsdale, N. J., Erlbaum.

SCHNEIDER, D. M., 1968. *American Kinship*, Englewood-Cliffs, N. J. Prentice-Hall.

SHWEDER, R. A., 1984. "Anthropology's romantic rebellion against the enlightenment, or there's more to thinking than reason and evidence", in Shweder, R. A. and R. A. LeVine, editors, *Culture Theory: Essays on Mind, Self and Emotion*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 27-76.

SINGER, M., 1958. "The great tradition in a metropolitan center: Madras", in *Traditional India: Structure and Change*, Singer, M., editor, Philadelphia, American Folklore Society.

SINGER, M., 1980. "Signs of the self: an exploration in semiotic anthropology", *American Anthropologist*, 82, pp. 455-507.

SINGER, M., 1984. *Man's Glassy Essence: Explorations in Semiotic Anthropology*, Bloomington, Indiana University Press.

SPIRO, M. EDITOR, 1965. *Context and Meaning in Cultural Anthropology*, New York, The Free Press, London, Collier- Macmillan.

SWEETSER, E., 1987. "The definition of lie: an examination of the folk models underlying a semantic prototype", in Holland, D. and N. Quinn, editors, *Cultural Models in Language and Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, pp. 43-66.

TURNER, V. W., 1967. *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*, Ithaca and London, Cornell University Press.

TURNER, V. W., 1977. *The Ritual Process: Structure and Antistructure*, Chicago Aldine.

TURNER, V. W., 1982. *From Ritual to Theatre*, New York, Performing Arts Journal Press.

TURNER, V. W., 1982. *Celebrations: Studies in Festivity and Ritual*, Washington, DC, Smithsonian Institute.

TURNER, V. W., 1986. "Dewey, Dilthey and Drama: An essay in the anthropology of experience" in Turner, V. W. and E. M. Bruner, editors, *The Anthropology of Experience*, Urbana and Chicago. University of Illinois Press, pp. 33-42.

TURNER, V. W. AND E. M. BRUNER EDITORS, 1986. *The Anthropology of Experience*, Urbana and Chicago, University of Illinois Press.

WALLACE, A. F. C., 1965. "Driving to work", in Spiro, M. *Context and Meaning in Cultural Anthropology*, New York, The Free Press, London, Collier-Macmillan, pp. 277-296.

WHORF, B. L., 1956. *Language, Thought and Reality*, J. B. Carroll, editor, Cambridge, Mass., MIT Press.

WITTGENSTEIN, L., 1969. *The Blue and Brown Books: Preliminary Studies for the "Philosophical Investigations"*, 2nd. edition, Oxford, Blackwell,

WITTGENSTEIN, L., 1958. *Philosophical Investigations*, Anscombe, G. M., translator, Oxford, Blackwell.

WITTGENSTEIN, L., 1970. *Zettel: Fiches*, trad. J. Fauve, Paris, Gallimard.